

A GAZETA - VITÓRIA (ES), TERÇA-FEIRA, 13 DE JANEIRO DE 1981

Do II Seminário surgiu a idéia: uma escola teatral independente

Uma comissão formada pelos participantes mais experientes do movimento atual, mais um representante de cada grupo filiado à Fecata e também um dessa entidade, reúne-se hoje, às 20 horas, no Teatro - Estúdio (10º andar do edifício das Fundações, ao lado da Assembléia Legislativa), para iniciar os estudos sobre a criação de uma escola de teatro independente no Estado. Esse foi o principal resultado do II Seminário sobre Teatro no Espírito Santo, encerrado sábado à tarde. Como durante toda a semana os debates diários sempre ressaltavam a carência de conhecimentos básicos pela maioria das pessoas que fazem o teatro capixaba, no dia da avaliação final concluiu-se que a criação de uma escola, independente de qualquer órgão público, é o que deve ser tentado, prioritariamente, no momento. Capital, organização do currículo, local para funcionamento e outros detalhes serão definidos a partir da reunião de hoje.

O consenso criado neste seminário pela importância da escola só foi possível porque os artistas locais se reuniram numa promoção para discutir seus problemas, o que ratifica a necessidade de sempre existir o debate democrático. Nem isso invalida ou subestima todos os cursos específicos promovidos pelo Departamento Estadual de Cultura nos últimos anos, os quais forneceram conhecimentos básicos para grande número de interessados em teatro. Durante o seminário se debateu a formação de grupos, o empreendimento teatral, a relação espaço e texto, o teatro na educação, a experiência



Renato Saudino: espaço

comunitária, a temática regional e a relação da imprensa com o teatro local.

Antonio Carlos Neves levantou, ao falar sobre temática regional, o argumento de que o Espírito Santo é um estado sem características culturais, sem identidade e que esse seria o principal obstáculo para que o teatro capixaba se impusesse nacionalmente. O tema foi abordado também por Aderbal Júnior, coordenador dos debates, que sugeriu um questionamento: Por que o Espírito Santo não consegue ser um pólo cultural forte? A resposta veio simples: em consequência da proximidade/influência dos principais centros culturais do país, representados por Rio, São Paulo, Minas Gerais, Bahia. Aderbal propôs que se transformasse esse dado "negativo", aparentemente, em fator positivo. "Vamos investigar as

virtudes dessa posição. O Espírito Santo poderia ser um pólo cultural forte por estar perto dos grandes centros e não apesar de...", comentou ele. E acrescentou: "Vamos explorar essa proximidade, a facilidade de contatos com os grandes centros, o que é difícil, por exemplo, para o pessoal do Amazonas. Vamos explorar essa falta de bairrismo..."

Aderbal Júnior não apresentou a fórmula ideal para isso, é claro. Sua posição é a de que os grupos capixabas não devem se acomodar diante do conceito, já tradicional, de que o Espírito Santo é um estado sem personalidade própria. Foi lembrado também, no seminário, o fato de sermos um Estado que pode servir de eixo cultural e físico para o país, reunindo, numa pequena extensão territorial, as contradições e riquezas de todo o Brasil. Num outro tema muito debatido, Renato Saudino propôs a busca de novos espaços para apresentação de peças, abandonando-se um pouco a disputa por uma data na agenda do Teatro Carlos Gomes. Teatro se faz em qualquer lugar. Parece ter sido essa, resumidamente, a conclusão dos debates. Propôs-se um zoneamento dos espaços artísticos em todo o Estado, com intercâmbio de informações entre os grupos e Saudino alertou para que os espetáculos sejam montados sempre tendo em vista uma flexibilidade cenográfica, adaptando-se a qualquer local. A esse respeito, inclusive, Aderbal Júnior lembrou que, ocupando novos espaços, os grupos atingirão um público em potencial que não está frequentando o Carlos Gomes, mas que existe.